

Assentamentos a céu aberto de caçadores-coletores datados da transição Pleistoceno final / Holoceno inicial no Sudeste do Pará

Solange Bezerra Caldarelli¹; Fernanda de Araújo Costa¹; Dirse Clara Kern²

Resumo

Neste artigo, são apresentadas datações radiocarbônicas inéditas referentes a ocupações humanas durante o Pleistoceno Final, Holoceno Inicial e Holoceno Médio no sudeste do Pará, comparadas a datações do mesmo período provenientes do Centro do Maranhão. Escavações recentes de sítios arqueológicos a céu aberto, de caçadores-coletores, começam a preencher lacunas sobre os assentamentos dos primeiros ocupantes da Amazônia fora de cavidades naturais, testemunhando a pluralidade das adaptações das sociedades forrageiras à biodiversidade amazônica.

Palavras-chave: Caçadores-coletores, Pleistoceno final/Holoceno inicial, Datações.

Abstract

In this article we present novel radiocarbon dates associated with human occupation of open air sites during the Late Pleistocene, Early and Middle Holocene from Southeastern Pará, comparing them to radiocarbon dates from the same time period in Central Maranhão. Recent excavations of hunter-gatherer's open air sites begin to fill a knowledge

¹ Scientia Consultoria Científica. Rua Armando d'Almeida, 46. São Paulo (SP). CEP: 05587-010. E-mail: scientia@terra.com.br

² Laboratório da Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia/Museu Paraense Emílio Goeldi.

gap about the settlement patterns of the first inhabitants of Amazonia living outside natural caves. The new findings attest to the plurality of foraging-societies' adaptations to Amazonian biodiversity.

Keywords: Hunter-gathers, Late pleistocene –early holocene, Dating.

Introdução

Há exatos 14 anos, numa obra que marcou a historiografia relativa aos índios no Brasil (Carneiro da Cunha, 1992), Anna Roosevelt, ao discorrer sobre a arqueologia amazônica, disse que as evidências da ocupação humana antiga na Amazônia encontravam-se disseminadas ao longo da bacia amazônica e regiões adjacentes, no decorrer do Pleistoceno tardio e Holoceno inicial (Roosevelt, 1992: 58).

Como evidência de ocupação paelo-indígena, a autora acima mencionava pontas de projétil bifaciais, finamente lascadas, encontradas dispersas no baixo Amazonas, em especial em território paraense. Sugere uma datação entre 8 e 4000 anos a.C. para esses artefatos e lança a hipótese de que tais pontas lascadas por percussão pertencessem ao mesmo período geral de culturas paleo-indígenas de outras regiões, de 12000 a 7000 anos a.C.

A mesma autora, em 1998, postula para os primeiros habitantes da América do Sul uma economia forrageira, caracterizada por uma gama ampla de adaptações ecológicas, incluindo pesca, caça e coleta, em florestas e savanas (Roosevelt, 1998).

Em co-autoria com outros pesquisadores, Roosevelt coloca em cheque tanto o modelo denominado "*Clovis first*",

quanto o modelo denominado "*Pre-Clovis*", advogando que numerosas e mais recentes datações, tanto na América do Norte quanto na América do Sul mostram que caçadores-coletores de megafauna coexistiram cronologicamente com caçadores-coletores forrageiros, o que refuta o modelo Clovis. Ao mesmo tempo, as datações anteriores a 12000 anos AP não apresentaram consistência, o que refutaria o modelo pré-Clovis (Roosevelt, Douglas & Brown, 2002).

As indústrias líticas dos primeiros caçadores-coletores, tanto da América do Norte quanto da América do Sul, testemunhariam, portanto, uma economia diversificada e adaptada às diversas situações ecológicas com que as sociedades do Pleistoceno final e Holoceno inicial se confrontaram.

Mais recentemente, Neves (2006) aventou a possibilidade de a ocupação humana da Amazônia ser superior a 11000 anos; destacando a datação de 9200 anos AP obtida na caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre (PA) e mencionando, entre outras, as evidências obtidas nas grutas de Carajás³.

Na mesma linha, o autor acima (Neves, 2006:24) entende que o padrão que se descortina, no que concerne à economia dos primeiros habitantes da Amazônia, mostra uma estratégia de exploração de recursos que reflete a biodiversidade característica da região, isto significando não se tratarem os primeiros ocupantes da região de caçadores-coletores especializados (portanto, produtores de pontas de projétil refinadas), mas pescadores, coletores e caçadores de animais pequenos. Advoga este autor que as primeiras sociedades que colonizaram a região amazônica tinham economias diversificadas, coerentes com a biodiversidade regional, corroborando, assim, a hipótese de Roosevelt (1998).

³ Neste mesmo número da Revista de Arqueologia, há artigo de Kipnis, Caldarelli e Oliveira que apresenta novas datações de sítios de caçadores-coletores em cavidades naturais da região de Carajás.

Todas as datações antigas apresentadas para a Amazônia brasileira, no entanto, se referem a sítios em cavidades naturais. No presente artigo, apresentam-se novas evidências materiais e cronológicas obtidas em sítios arqueológicos a céu aberto do Sudeste do Pará, que reforçam a hipótese expendida pelos autores acima referidos e apresentam as primeiras datações de sítios de caçadores-coletores não especializados a céu aberto da Amazônia brasileira.

Os sítios arqueológicos

Dois sítios a céu aberto de caçadores-coletores antigos foram localizados no município de Breu Branco, Sudeste do Pará (Fig. 01). Sua descoberta resultou de um levantamento sistemático feito previamente à implantação da Linha de Transmissão em 500 kV Tucuruí (PA) –

Açailândia (MA), um empreendimento da Empresa Norte de Transmissão de Energia-ENTE, que financiou as pesquisas.

Denominados Breu Branco 1 e Breu Branco 2, ambos os sítios encontram-se na Unidade de Paisagem definida como *Superfícies Tabulares*, caracterizada pela ocorrência de áreas aplainadas, com altitudes em torno de 150m, formando elevações tabulares. Os solos são essencialmente arenosos (Biodinâmica, 2003).

Posteriormente, mais três sítios arqueológicos com características semelhantes (uma ocupação cerâmica assentada sobre antigas ocupações de caçadores-coletores) foram descobertos no mesmo município acima referido (Fig. 01), desta feita em decorrência de levantamento arqueológico feito previamente à implantação de outra Linha de Transmissão em 500 kV, Tucuruí - Vila do Conde III, empreendimento da Vila do Conde

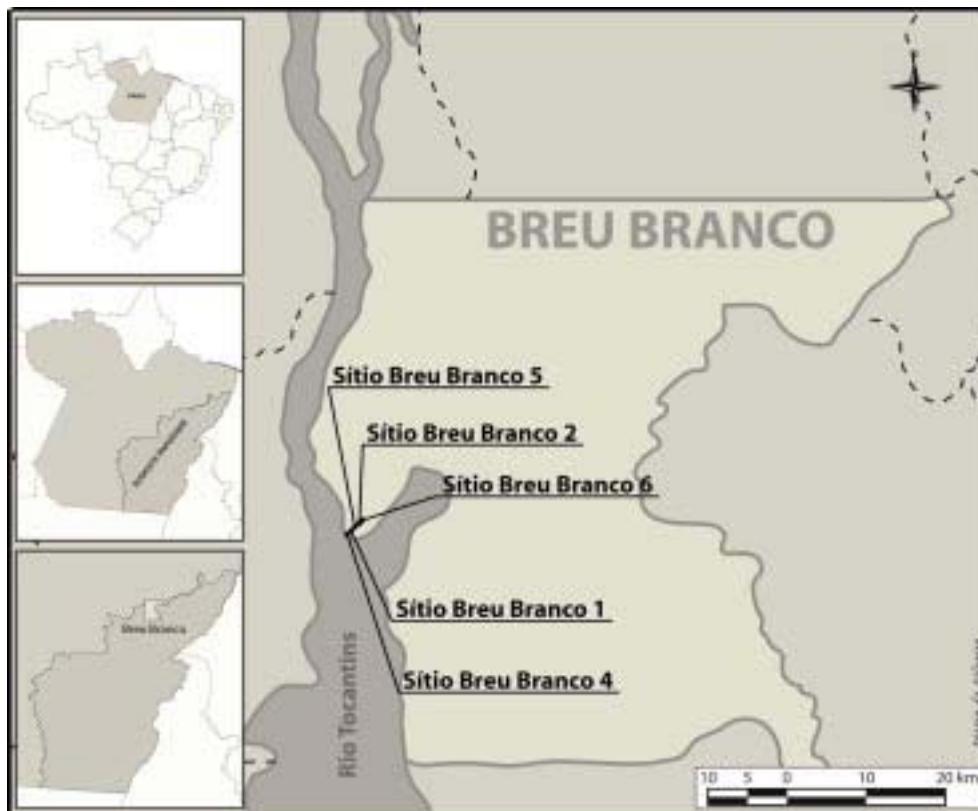


Fig. 01 – Localização dos sítios antigos de caçadores-coletores identificados no município de Breu Branco, sudeste do Pará.

Transmissora de Energia. No entanto, estes últimos ainda não foram objeto de escavações sistemáticas, nem tiveram sua ocupação datada, motivo pelo qual apenas os sítios Breu Branco 1 e 2 são analisados neste artigo.

O sítio Breu Branco 1 estende-se sobre terreno plano, no topo de um platô cujas bordas estão sofrendo intenso processo erosivo. A própria forma atual do sítio, margeando a borda recortada de um platô, testemunha este fato. Ao que tudo indica, sua superfície original pode ter sido mais extensa e foi desgastada pela erosão. De algumas nascentes próximas, nas encostas do barranco, saem pequenos igarapés que correm para o rio Tocantins, que dista cerca de 4km do sítio arqueológico. Sobre sua superfície e proximidades estão assentadas torres das várias linhas de transmissão que aí têm início, em decorrência de sua proximidade da Hidrelétrica de Tucuruí.

O sítio apresenta uma ocupação ceramista sub-superficial de baixa densidade, pequena extensão e pouca espessura (0 a 30cm), fortemente perturbada pela ação antrópica recente. As dimensões e demais características desta parte do registro arqueológico devem ter sido originalmente bem diferentes da forma como se apresentam hoje. Os artefatos líticos são raros em meio aos fragmentos cerâmicos.

Sob a ocupação ceramista e após um hiato no registro que varia em torno de 50cm, encontra-se uma ocupação pré-cerâmica mais antiga, cuja espessura varia de 10 a 180cm. Esta ocupação, preservada pela profundidade, apresenta-se espessa, extensa e com baixa densidade de material. Inicia geralmente entre os 60 e 90cm e termina em torno de 130 a 150cm de profundidade. Em alguns casos, atingiu 200cm, e em um ponto localizado, atingiu 270cm. O material aí coletado consta basicamente de artefatos líticos, tanto inteiros quanto fragmentados, completos ou inacabados,

além de amostras de matéria-prima. Foram identificadas também várias estruturas de fogueira, das quais foram retiradas amostras para datação radio-carbônica.

A ocupação pré-cerâmica tem forma irregular, alongada, margeando a borda do platô. As escavações evidenciaram vestígios arqueológicos dispersos por uma área de cerca de 1560 por 450m, na qual os mapas de densidade acabaram por revelar uma área efetivamente ocupada de aproximadamente 355.000m² (Fig. 02 e 03).

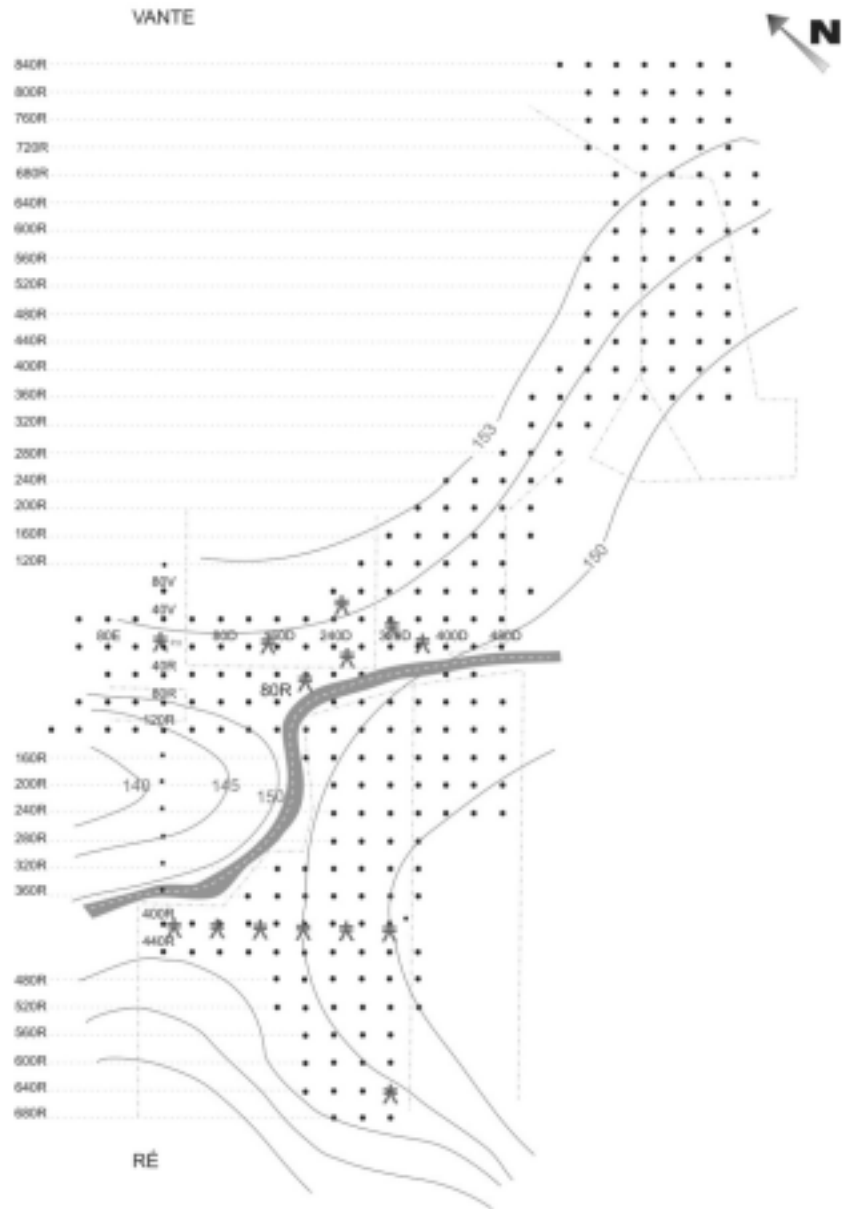
Seixiras de quartzo, provável fonte da matéria-prima para produção dos artefatos encontrados, foram localizadas a cerca de 1km do sítio. Com efeito, das 3439 peças líticas recuperadas no sítio, 76% tiveram como suporte seixos de quartzo. 18% usaram sílex como matéria prima, enquanto que rochas variadas responderam por apenas 6% do material.

O sítio arqueológico Breu Branco 2 também está implantado na porção superior de um platô, sobre superfície suave ondulada. Sua forma é irregular, alongada e limita-se, em duas extremidades, por vales. O solo apresenta manchas de terra mais escura, em tons diferentes.

Apresenta uma ocupação ceramista sub-superficial de alta densidade, extensa, espessa (40 a 60cm) e bem preservada. Artefatos líticos, inclusive algumas lâminas de machados, ocorrem em meio aos fragmentos cerâmicos.

Imediatamente abaixo dessa ocupação, com dimensões um pouco maiores, ocorre uma ocupação pré-cerâmica, também extensa e bem preservada, cuja profundidade chegou a ultrapassar 150cm e cuja espessura variou de 20 a 150cm. Da mesma forma que no sítio anterior, o material é composto basicamente de artefatos líticos, inteiros, fragmentados, completos ou inacabados, além de amostras de matéria-prima e várias estruturas de fogueira. A ocupação pré-cerâmica também tem forma aproximadamen-

Assentamentos a céu aberto de caçadores-coletores datados da transição Pleistoceno final / Holoceno inicial no Sudeste do Pará



| | | | |
|-------------------|------------------------------------------------|-----------------------|----------------|
| LEGENDA | MAPEAMENTO - RESGATE | | LOCAL: |
| | SÍTIO BREU BRANCO I | | BREU BRANCO-Pa |
| • Sondagem | CROQUI: | | FOLHA: |
| --- Cerca | Roseliê Souza Pegado/ Othon Kléber Lima Mendes | | 01 |
| ▬ Estrada | DIGITALIZAÇÃO: | | |
| ~ Curvas de Nível | Greyce Oliveira | | |
| ⌘ Torre | DATA: | ÁREA: | ESCALA: |
| | 30-10-2006 | 426.600m ² | 1:8000 |

Fig. 02 - Planta topográfica do Sítio Breu Branco 1, com as sondagens arqueológicas (1m²) realizadas.

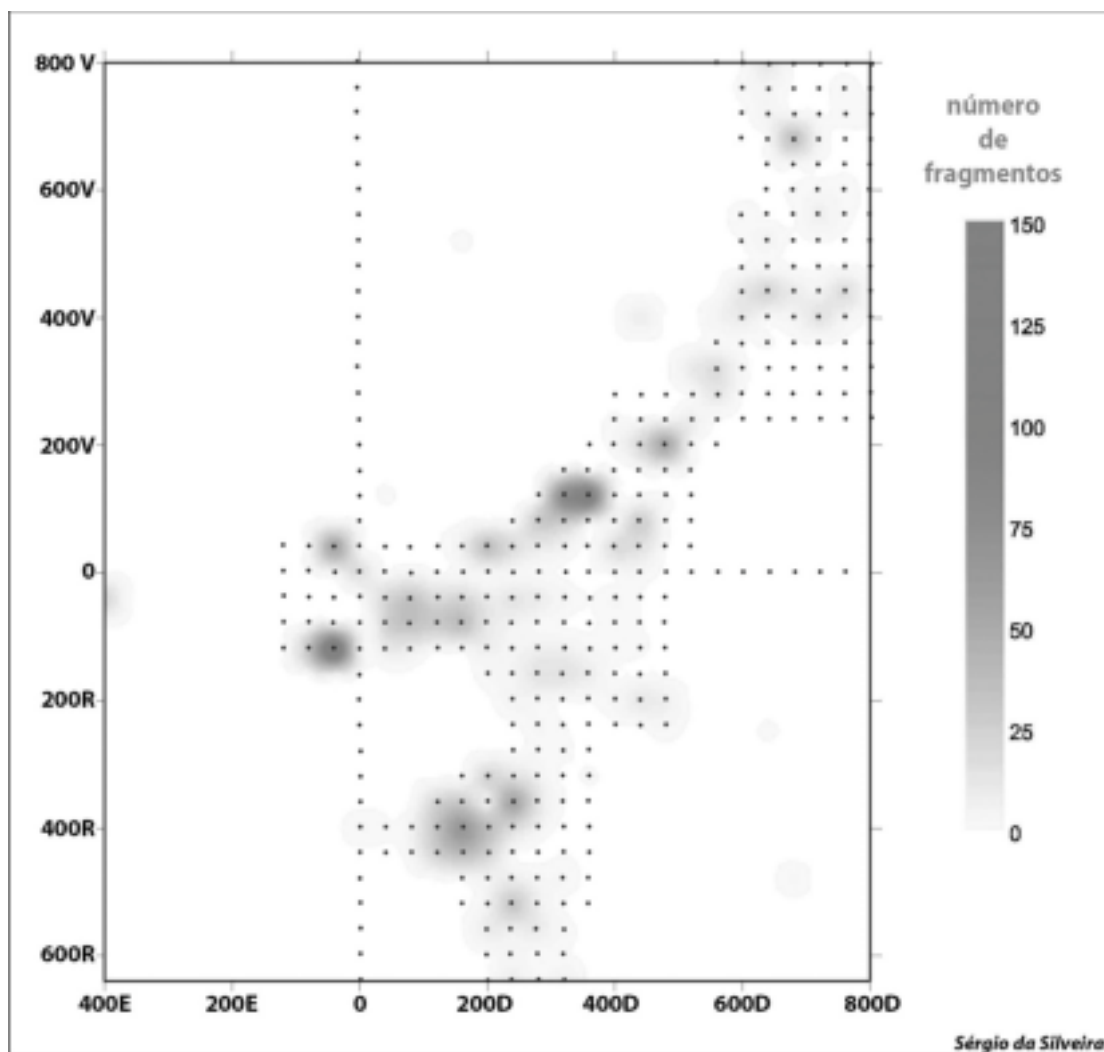


Fig. 03 – Mapa de densidade dos vestígios líticos recuperados no Sítio Breu Branco 1.

te elíptica, medindo, em seus eixos principais, cerca de 850 x 450m, na qual os mapas de densidade acabaram por revelar uma área efetivamente ocupada de cerca de 162.000m² (Fig. 04 e 05).

Também no sítio Breu Branco 2 os seixos de quartzo foram amplamente utilizados como suportes para os artefatos líticos: 88% das 1129 peças líticas recuperadas foram confeccionadas em seixos de quartzo, 9% em sílex e os demais 3% utilizaram rochas diversas.

Na área ocupada pelo sítio arqueológico Breu Branco 1, o solo apresentou

características de um solo bem desenvolvido, já que em sua morfologia foram identificados os horizontes A1, A2, AB, BA, B1, B2, B3 e B4, numa profundidade superior a 200cm. No espaço interno do sítio, observou-se entre os horizontes naturais pouca mudança de cor, com variação do bruno-acinzentado escuro (10YR4/2) ao bruno amarelado (10YR5/6) e espessura do horizonte A entre 10 e 15cm. Embora a textura do solo se apresentasse arenosa nas camadas superficiais e mais argilosa em profundidade, foi possível identificar um processo de

Assentamentos a céu aberto de caçadores-coletores datados da transição Pleistoceno final / Holoceno inicial no Sudeste do Pará

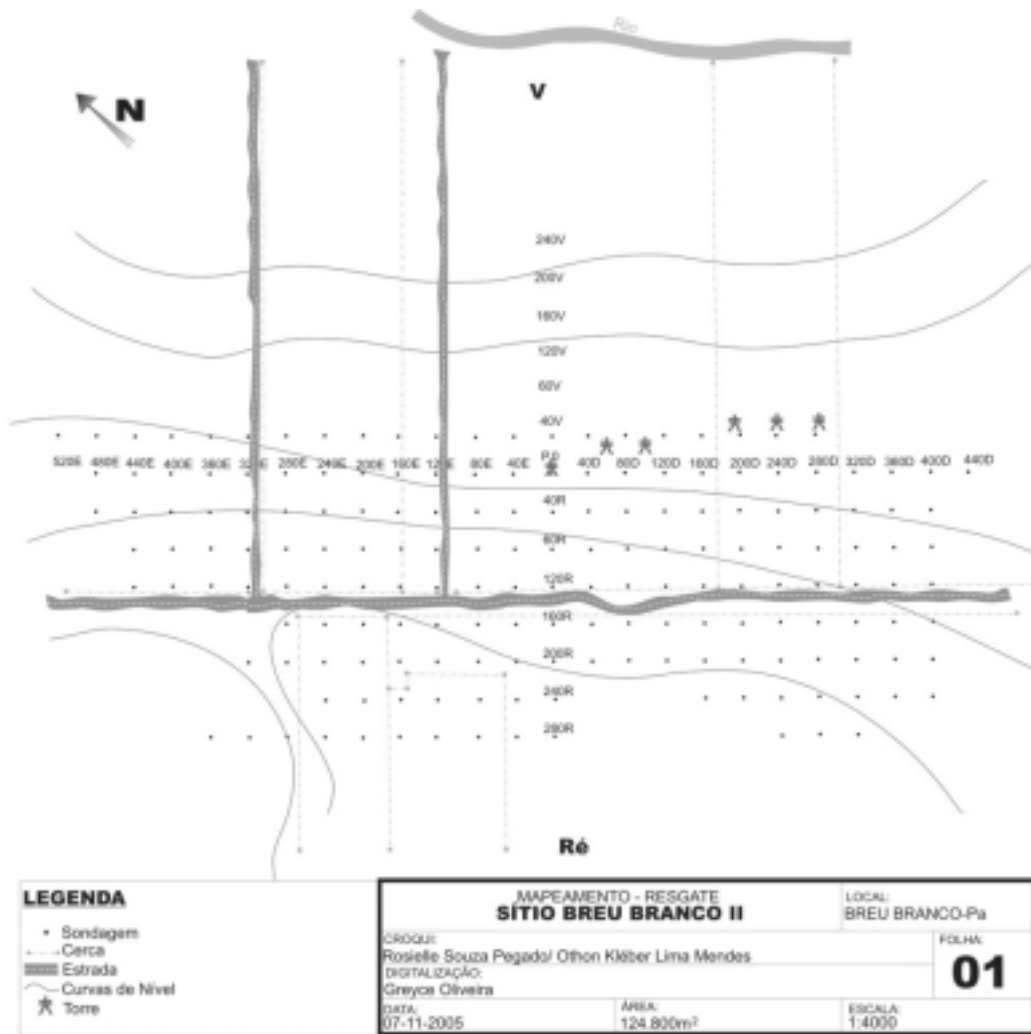


Fig. 04 – Planta topográfica do Sítio Breu Branco 2, com a localização das quadrículas escavadas (1m²).

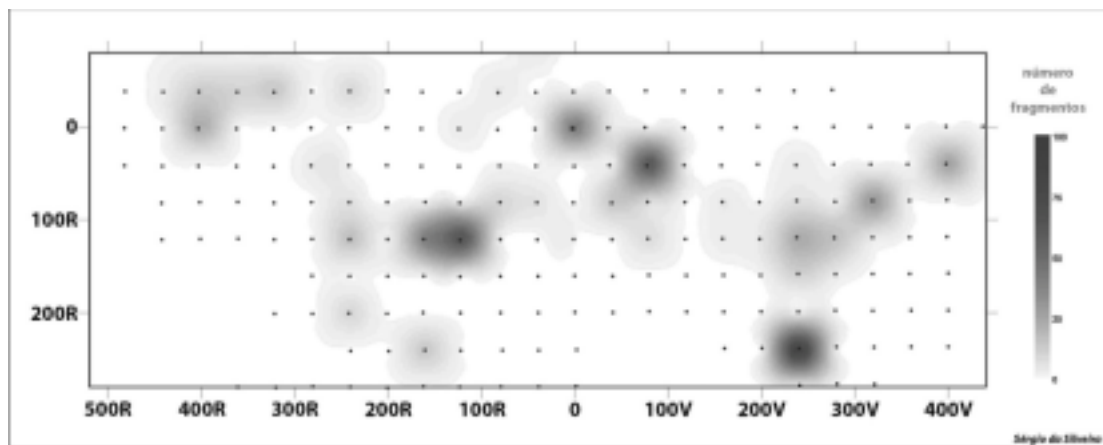


Fig. 05 - Mapa de densidade dos vestígios líticos recuperados no Sítio Breu Branco 2.

compactação de camadas, causado pelo constante uso de máquinas agrícolas e atividade pecuária, além do maquinário pesado utilizado na implantação das diversas linhas de transmissão que cortaram a superfície do sítio (no momento do resgate estava sendo implantada a 7ª linha de transmissão, sendo que apenas as três últimas contaram com pesquisas arqueológicas).

Em relação ao solo circunvizinho, diferenciou-se somente pela ocorrência de vestígios arqueológicos, visto que, no que se refere aos aspectos morfológicos, o solo do sítio e o da área adjacente são similares (Fig. 06).

Os solos do sítio Breu Branco 2 e entorno, sobrepostos a um relevo suave ondulado, assemelham-se aos do Breu Branco 1. Diferenciam-se apenas por um desenvolvimento com mais de 220cm de profundidade e por apresentarem horizonte A mais espesso (32cm). Semelhantemente, apresentam horizontes A1, A2, AB, BA, B1, B2, B3 e B4, textura arenosa e transição difusa que dificulta a dife-

renciação entre horizontes, além da ocorrência de fragmentos cerâmicos e artefatos líticos. Embora neste local o solo também estivesse bastante compactado, o horizonte A é mais espesso que o da área adjacente (Fig. 06b).

A semelhança entre os solos é explicável pela proximidade entre os sítios: distam apenas cerca de 2km um do outro.

Sobre as indústrias líticas, é interessante observar que os artefatos foram quase que em sua totalidade confeccionados sobre os seixos e não sobre as lascas. As lascas analisadas não apresentam sinais de retoques, tudo indicando que foram retiradas para moldar os seixos à morfologia pretendida para seu uso e prensão. Neste processo, a retirada das lascas, conforme análise de uma amostra de 800 peças, se fez principalmente por técnica unipolar (em especial no Sítio Breu Branco 2), a qual ocorreu em 86% dos casos (689 peças), embora também tenha sido empregada técnica bipolar (em 14% dos casos, ou seja, 111 peças). Os retoques, por sua vez, si-

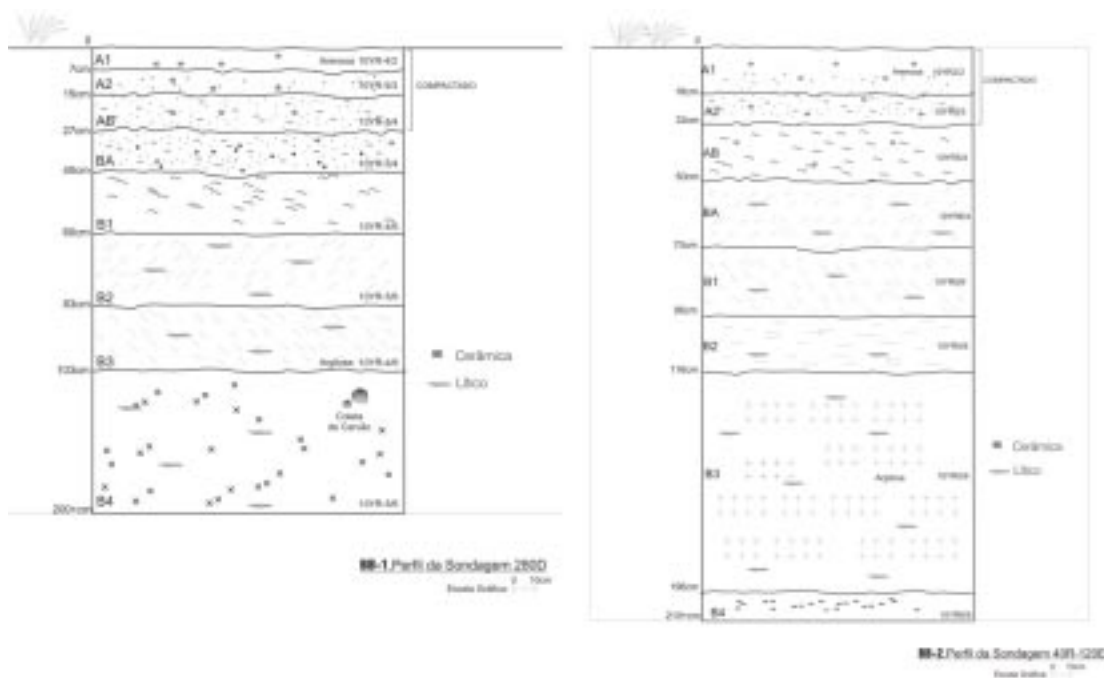


Fig. 06 - Perfis estratigráficos dos sítios Breu Branco 1 (a) e 2 (b)

tuam-se todos nos gumes, criados nos seixos por lascamento anterior. O delineamento dos gumes apresentou-se predominantemente côncavo, conforme Fig. 7.

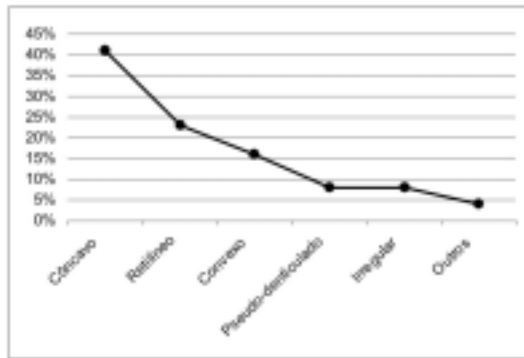


Fig. 07 - Delineamento dos gumes dos artefatos líticos dos sítios Breu Branco 1 e Breu Branco 2.

As datações

As amostras de carvão coletadas nos sítios arqueológicos Breu Branco 1 e Breu Branco 2, em níveis com presença de material arqueológico, foram encaminhadas para datação no laboratório Beta Analytic, Miami, Florida, EEUU. Os resultados obtidos são apresentados na Tabela 1.

As datações testemunham, portanto, a ocupação de áreas a céu aberto do Sudeste do Pará por sociedades caçadoras-coletoras, de economia forrageira, por um período estimado de no mínimo 5000 anos (11000 a 6000 anos AP), sem indícios de cerâmica.

É interessante, aqui, lembrar as datações obtidas em sítios de caçadores-

coletores a céu aberto no vizinho Estado do Maranhão, na Bacia do Rio Mearim, também por pesquisas arqueológicas levadas a cabo devido a uma linha de transmissão em 500 kV, a LT Tucuruí (PA) - Presidente Dutra (MA), um empreendimento da Empresa Amazonense de Transmissão de Energia- EATE, que financiou as pesquisas, datações essas já divulgadas no XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (Caldarelli & Carneiro Filho, 2003).

Relembra-se, aqui, que os dois sítios pré-cerâmicos a céu aberto identificados no Maranhão situam-se nos municípios de Joselândia (Sítio Ranchada) e de Esperantinópolis (Sítio Remanso), distantes entre si cerca de 20km e, do município paraense de Breu Branco, mais de 350km (Fig. 10).

Além disso, é interessante mencionar que pesquisas arqueológicas feitas também para o Licenciamento Ambiental da LT Imperatriz/MA - Miracema do Tocantins/TO pela Unitins levou à identificação de alguns sítios arqueológicos de caçadores-coletores a céu aberto, um dos quais foi datado em 8830 anos AP, ou seja, 6880 anos a.C. (fonte: SGPA/IPHAN). Tendo em vista que a datação não foi calibrada, pode-se presumir uma data ainda mais antiga para a ocupação do Oeste Maranhense por sociedades caçadoras-coletoras.

As datações testemunham, portanto, que a ocupação de áreas a céu aberto do Centro e Oeste Maranhense por sociedades caçadoras-coletoras, de economia forrageira, também se deu por um período estimado de no mínimo 5000 anos, sem indícios de cerâmica (9000 a 4000

Tabela 1 - Datação radiocarbônicas de amostras coletadas nos sítios Breu Branco 1 e Breu Branco 2, Sudeste Paraense

| SÍTIO | QUADRA | NÍVEL | DATAÇÃO A.P. | C13/C12 | BETA | DATAÇÃO CALIBRADA A.P. (??.) |
|-------|----------|-----------|--------------|---------|--------|-----------------------------------|
| BB 1 | 120R-40D | 120-130cm | 9.570 ± 70 | -25.6 | 215041 | 11.160 A 10.660 |
| | 400D | 70-80cm | 7.940 ± 90 | -28.1 | 215040 | 9.010 A 8.440 |
| | 120R-40E | 70-80cm | 4.890 ± 50 | -25.6 | 215042 | 5.710 a 5.580 e 5.520 a 5.490 |
| BB 2 | 20V-40D | 80-90cm | 9.510 ± 60 | -26.6 | 215043 | 11.090 a 10.930 e 10.880 a 10.570 |
| | 20R-40D | 80-90cm | 5.960 ± 50 | -24.9 | 215044 | 6.900 a 6.670 |

anos AP). Durante a maior parte desse período, os caçadores-coletores do Centro Maranhense foram contemporâneos dos caçadores-coletores do Sudeste Paraense.

Características compartilhadas entre os sítios pré-cerâmicos a céu aberto do Sudeste Paraense e do Centro Maranhense

Para melhor visualizar as características que os sítios pré-cerâmicos do Sudeste Paraense compartilham com os do Centro Maranhense, os dados de implantação desses sítios foram organizados na tabela 3, onde se incluíram também os dados dos demais sítios de caçadores-coletores identificados no Município de Breu Branco.

Os sítios cujas áreas não foram estimadas são aqueles que ainda não foram objeto de resgate. Quanto aos demais, chama a atenção a grande área ocupada pelo sítio Breu Branco 1 (o dobro da área ocupada pelo sítio ao lado) e as menores dimensões dos sítios do território maranhense.

Quanto à implantação no relevo, infelizmente, pelo fato de ainda não terem sido objeto de escavações mais amplas, não há informações disponíveis sobre a extensão e a densidade do material arqueológico dos sítios Breu Branco 4 e 6, que permitam inferir se sua posição, em baixos topográficos, tem implicações funcionais ou sazonais.

No que concerne às indústrias líticas, as comparações que se fazem são entre os sítios já resgatados (Breu Branco 1 e 2, Ranchada e Remanso). Nos dois últimos, a indústria lítica caracterizou-se por um suporte predominantemente de seixos e matéria-prima predomi-

Tabela 2 - Datações radiocarbônicas de amostras coletadas nos sítios Ranchada e Remanso, Centro Maranhense

| SÍTIO | QUADRA | NÍVEL | DATAÇÃO A.P. | C13/C12 | BETA | DATAÇÃO CALIBRADA A.P. (2σ) |
|-------|---------|-----------|--------------|---------|--------|-------------------------------|
| RA | 50 7BV | 70-80cm | 7.970 ± 40 | -24.9 | 175184 | 9.000 a 8.640 |
| RE | 150 5AV | 120-130cm | 4.410 ± 50 | -25.7 | 205581 | 5.270 a 5.170 e 5.070 a 4.850 |
| | 150 5AV | 90-100 | 3.920 ± 70 | -25.0 | 175186 | 4.530 a 4.150 |

Tabela 3 - Características dos antigos assentamentos de caçadores-coletores dos Sudeste Paraense e Centro Maranhense.

| SÍTIO | IMPLANTAÇÃO TOPOGRÁFICA | DISTÂNCIA DA FONTE DE ÁGUA MAIS PRÓXIMA | ESPESSURA E PROFUNDIDADE | ÁREA NÍVEIS PRÉ-CERÂMICOS |
|---------------|----------------------------------|-----------------------------------------|--------------------------|---------------------------|
| Breu Branco 1 | Topo de platô | 200 m | - 0,70 a 2,20 m | 355.000 m ² |
| Breu Branco 2 | Topo de platô | 100 m | - 0,50 a 1,50 m | 162.000 m ² |
| Breu Branco 4 | Baixa vertente | 40 m | - 0,90 m | Não estimada |
| Breu Branco 5 | Média vertente | 50 m | - 0,40 a 0,60 m | Não estimada |
| Breu Branco 6 | Baixa vertente | Periferia do sítio | - 0,50 a 0,70 m | Não estimada |
| Ranchada | Topo de colina | 300 m | - 0,50 a 1,30 m | 93.000 m ² |
| Remanso | Vertente e planície de inundação | 100 m | - 0,40 a 1,60m | 85.000 m ² |

Assentamentos a céu aberto de caçadores-coletores datados da transição Pleistoceno final / Holoceno inicial no Sudeste do Pará

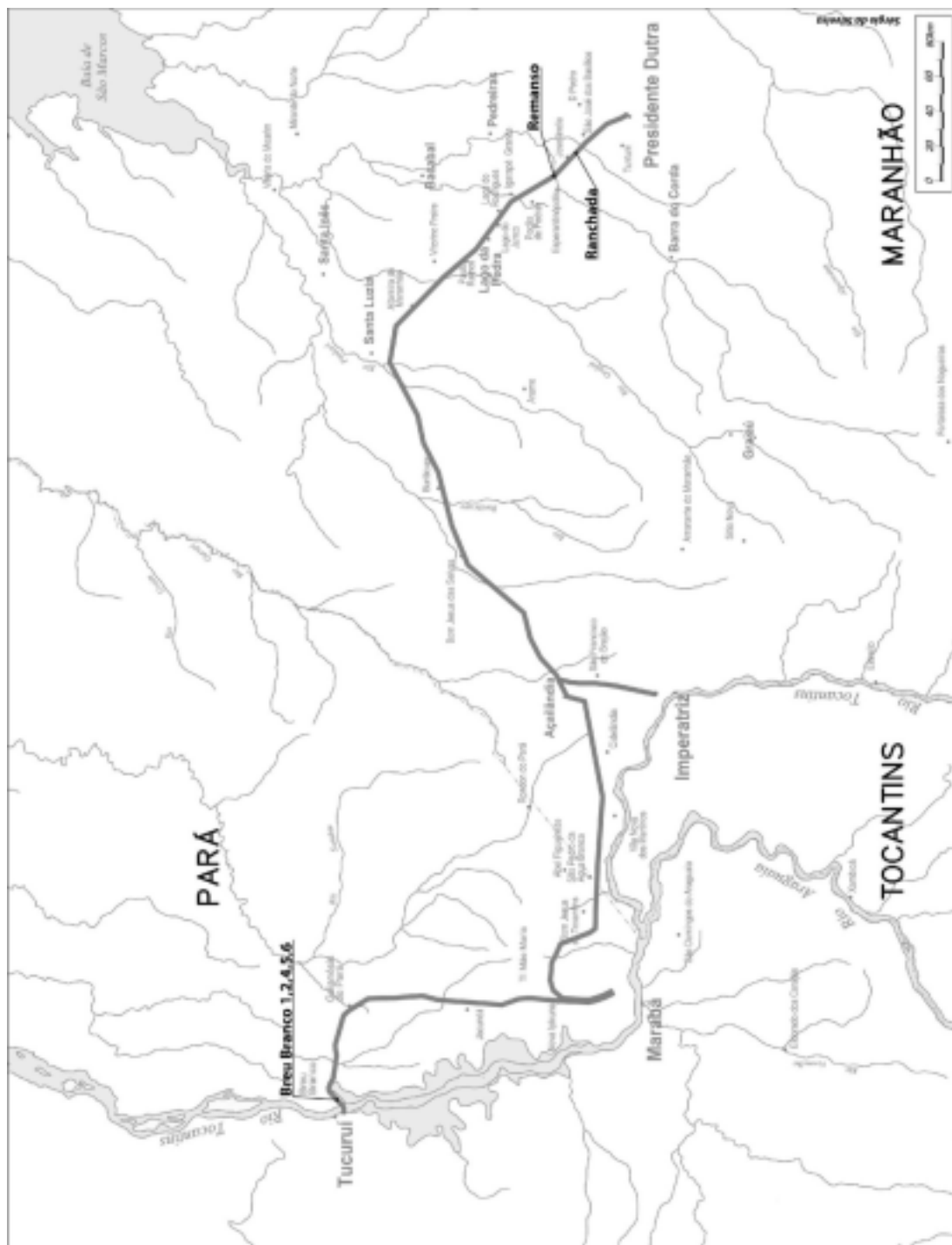


Fig. 08 - Localização dos sítios pré-cerâmicos a céu aberto do Centro Maranhense em relação aos sítios similares do Sudeste Paraense. Unindo ambas as áreas, o trajeto da Linha de Transmissão em 500 kV Tucuruí-Presidente Dutra.

nante de arenito silicificado, secundado por sílex.

Comparando-se os dados entre os sítios acima, nota-se que a predominância dos seixos como suporte para as peças líticas dos sítios Ranchada e Remanso corresponde ao que foi observado nos sítios arqueológicos de Breu Branco.

Quanto às matérias-primas exploradas, no entanto, o quartzo, predominante nos sítios de Breu Branco, é substituído, nos sítios do Centro Maranhense, pelo arenito silicificado. Essa diferença parece ter maior relação com a disponibilidade das matérias-primas nas proximidades dos assentamentos do que com uma escolha cultural.

No que concerne à debitação das lascas, também nos sítios do Centro Maranhense predomina a técnica de lascamento unipolar, embora no Sítio Remanso a técnica de lascamento bipolar apareça com um pouco mais de representatividade (24% das peças), em relação ao Sítio Ranchada (10% das peças).

Apesar das semelhanças apontadas, a indústria lítica dos sítios de caçadores-coletores do Centro Maranhense apresentou um número de artefatos retocados insignificante, em relação à totalidade do material lascado: apenas 4 peças no Sítio Remanso (para uma quantidade de 248 peças recuperadas) e 3 no sítio Ranchada (para uma quantidade de 139 peças recuperadas). Os gumes delineados pelos retoques se distribuem conforme tabela 4.

Quando se comparam as grandes categorias de objetos que sofreram lascamento, observa-se uma grande homogeneidade percentual, com as lascas

Tabela 4 – Delineamento dos gumes dos artefatos líticos dos sítios Ranchada e Remanso

| Gumes | Ranchada | Remanso | Total |
|--------------|----------|----------|----------|
| Côncavo | | 1 | 1 |
| Convexo | 1 | 1 | 2 |
| Retilíneo | 1 | 2 | 3 |
| Sinuoso | 1 | | 1 |
| Total | 3 | 4 | 7 |

compondo entre 85 e 95% da amostra, os núcleos entre 2 e 10% e os artefatos entre 2 e 9%.

Em todos os sítios, portanto, chama a atenção o reduzido percentual de núcleos e de artefatos, em relação à totalidade do material que sofreu lascamento.

Os poucos artefatos intencionalmente modificados para funcionar como instrumento (é provável que peças não modificadas tenham sido utilizadas também, mas apenas estudos traceológicos poderão elucidar essa hipótese) dividem-se em duas grandes categorias: artefatos de gume e artefatos de superfície ativa, conforme tabela 5.

Tabela 5 – Frequência, por sítio, das categorias de artefatos ativos.

| | Breu Branco 1 | Breu Branco 2 | Ranchada | Remanso | Total |
|-------------------------|---------------|---------------|----------|----------|------------|
| Artefatos de gume | 78 | 5 | 3 | 4 | 90 |
| Artefatos de superfície | 13 | 1 | 3 | 5 | 22 |
| Total | 91 | 6 | 6 | 9 | 112 |

Os artefatos, divididos em artefatos de gume e artefatos de superfície (nos quais a parte ativa é a superfície da peça), revelam usos múltiplos: para cortar e raspar (artefatos de gume) ou para bater, triturar e esmagar (artefatos com superfície ativa). Esses usos são comuns em processamento de alimentos e em confecção de artefatos de osso, madeira e fibras. Infelizmente, as áreas pesquisadas não são propícias à conservação de material orgânico, o que dificultou a recuperação de vestígios alimentares. Talvez, análises traceológicas no material lítico que apresenta gumes e superfícies ativas possam trazer maiores subsídios aos materiais em que os artefatos foram utilizados.

Apesar de percentualmente reduzidos em relação à totalidade do material lítico recuperado nos sítios arqueológicos, nota-se que a frequência dos artefatos

de gume em relação aos artefatos de superfície ativa é maior nos sítios de Breu Branco e equilibrada nos sítios do Centro Maranhense. É claro que tal observação carece de maior número de sítios e artefatos estudados para que se confirme ou se rejeite sua relevância.

Considerações finais

No que concerne às datações, embora ainda pouco numerosas, um fato indubitável se descortina: a ocupação de áreas abertas no Pleistoceno final e Holoceno inicial, tanto no Sudeste do Pará, bacia do rio Tocantins (sítios Breu Branco 1 e Breu Branco 2), quanto no Centro do Maranhão, bacia do rio Mearim (sítio Ranchada). Essa ocupação continuou ao menos durante o Holoceno médio, em ambas as regiões acima mencionadas.

É difícil imaginar que outros sítios não existam entre ambas essas áreas. Simplesmente, trata-se de sítios de difícil visibilidade, por se encontrarem enterrados em níveis não atingidos por processos erosivos. Sua descoberta deveu-se às pesquisas arqueológicas preventivas realizadas nos traçados das linhas de transmissão anteriormente mencionadas.

De qualquer modo, os dados apresentados, os primeiros relativos a assentamentos a céu aberto de caçadores-coletores do Pleistoceno final e Holoceno inicial da Amazônia, reforçam a teoria de que a biodiversidade vegetal (raízes,

frutos, nozes, palmitos) atrativa à biodiversidade faunística (mamíferos, répteis, aves e insetos) deve ter sido amplamente explorada pelos primeiros ocupantes da Amazônia e suficiente para assegurar sua subsistência por ao menos cinco milênios, sem necessidade de se recorrer a práticas agrícolas, conforme advogado por Roosevelt (1999 e obras citadas).

Os mesmos locais, conforme denota a grande espessura dos depósitos arqueológicos, foram sucessiva ou ininterruptamente ocupados, o que demonstra que neles os recursos alimentícios (de origem animal e vegetal) vitais à subsistência foram considerados suficientes pelos primitivos colonizadores do território amazônico. Qual a densidade demográfica suportada pelo ambiente, ainda não temos dados para responder. No entanto, aventamos a hipótese de sociedades pouco numerosas, pelos indícios da indústria lítica, com poucos artefatos e densidade de média a baixa para a área dos sítios. Mas a proximidade entre os sítios (de uma mesma área) permite supor interação sócio-cultural constante entre seus ocupantes.

Agradecimentos

Agradecemos a Greyce Oliveira, Fernando Ozório de Almeida, Sérgio da Silveira e Wesley Charles de Oliveira pelo apoio na organização dos dados para a finalização do artigo.

Referências Bibliográficas

- BIODINÂMICA. 2003. *Relatório de Impacto Ambiental – RIMA – LT Tucuruí-Açailândia (4º. circuito)*. Rio de Janeiro, Biodinâmica Engenharia e Meio Ambiente.
- CALDARELLI, S.B. & CARNEIRO FILHO. D.L. 2003. Primeiras Datações de Assentamentos de Caçadores-coletores de interior no Maranhão. *XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Resumos*. São Paulo, SAB.
- NEVES, E.G. 2000. O velho e o novo na arqueologia Amazônia. *Revista USP*, São Paulo, 44:86-111.
- NEVES, E.G. 2006. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Caldarelli, S. B.; Costa, F. A.; Kern, D. C.

ROOSEVELT, A.C. 1992. In: CUNHA, M.C. (org.) *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 53-86.

_____ 1998. Ancient and Modern Hunter-Gatherers of Lowland South América: An Evolutionary Problem. In: W. BALÉE (ed.), *Advances in Historical Ecology*, pp. 190-212.

_____ 2002. Archaeology of South American Hunters and Gatherers. In: LEE, R.B. & DALY, R. (ed.) *The Cambridge Encyclopedia of Hunters and Gatherers*. Cambridge Univ. Press, pp. 86-91.

ROOSEVELT, A.C.; DOUGLAS, J. & BROWN, L. 2002. The Migrations and Adaptations of the First American Clovis and Pre-Clovis Viewed from South America. In: JABLONSKI, N.G. (ed.) *The First Americans: the Pleistocene Colonization of the New World*. *Memoirs of the California Academy of Science*, 27:159-235.